

Educação, cidadania e intergeracionalidade: avós e netos na literatura para a infância

Dulce Melão¹

Resumo

Atualmente, ganha relevância repensar as relações intergeracionais acolhidas através do texto literário, em múltiplos contextos educativos. A literatura para a infância, mormente o livro-álbum contemporâneo, faculta esteios que promovem essa reflexão. Nesse sentido, este artigo, tendo como matéria-prima *A ilha do avô* (Davies, 2017) e *À procura de ontem* (Jay, 2020), é guiado pelos seguintes objetivos: i) indagar modos de representação das relações intergeracionais e suas repercussões na criação de laços de empatia com os leitores; ii) refletir sobre o modo como estes livros-álbum alimentam as dimensões multifacetadas da educação para a cidadania como meio de acolhimento do Outro, através de caminhos inesperados; iii) compreender o papel desempenhado pelos avós relativamente às relações estabelecidas com os seus netos e os modos como essas viagens partilhadas podem reverberar no percurso de aprendizagem de ambos. O enquadramento teórico deste artigo centra-se no papel atual da literatura para a infância na Educação, considerando a *Estratégia nacional de educação para a cidadania* (Ministério da Educação, 2017), em articulação com o *Referencial de educação para o desenvolvimento – educação pré-escolar, ensino básico e ensino secundário* (Torres et al., 2016). Conclui-se que a relação feliz com os avós e harmonia daí resultante instiga aprendizagens mútuas, cumplicidade e empatia que alimentam a liberdade de sonhar – encarada como morada perene de relações intergeracionais, ligadas por itinerários de ternura que conciliam o texto literário com valores intemporais, no âmbito da educação para a cidadania.

Palavras-chave: Educação, Cidadania, Literatura para a infância, Intergeracionalidade

1. Introdução

Educar com a literatura é um gesto de liberdade que proporciona ao leitor a autonomia de ser um cidadão atento que escuta os mundos que vêm, em **permanência, ao seu reencontro. No entender de Pessoa (2018, p. 32) “Um poema, que é um quadro musical de ideias, dá-nos a liberdade, através da compreensão que dele tivermos, de ver e ouvir o que queremos.” Llosa (2010), reportando-se à ficção, confere-lhe uma outra cartografia de sentidos, de complementar apelo: “Sem a ficção seríamos menos conscientes da importância da liberdade para que a vida seja suportável e do inferno em que se converte a vida quando aviltada por um tirano, uma ideologia ou uma religião” (Llosa, 2010, s.p.).**

Matéria insubstituível no processo de formação dos leitores, a literatura para a infância ganha, hoje, maior relevo, num contexto educativo invadido pelo fenómeno da pandemia cujos confinamentos se instituíram enquanto modos de repensar tais gestos de liberdade. A sua abordagem – ontem como

¹ Escola Superior de Educação de Viseu, Instituto Politécnico de Viseu, CI&DEI (PORTUGAL), dulcemelao@esev.ipv.pt

hoje – ancora-se numa visão educacional “na qual todos os começos não têm fim e todos os fins não são mais do que também novos e incessantes começos” (Sá-Chaves, 2014, p. 26). Nesses sentidos se inscreve esta reflexão, no entrecruzamento de gerações representadas em dois livros-álbum onde confluem recomeços, nas vozes de avós e de netos.

Na sequência do exposto nos parágrafos anteriores, este artigo, tendo como matéria-prima *A ilha do avô* (Davies, 2017) e *À procura de ontem* (Jay, 2020), é norteado pelos seguintes objetivos: i) indagar modos de representação das relações intergeracionais e suas repercussões na criação de laços de empatia com os leitores; ii) refletir sobre o modo como estes livros-álbum alimentam as dimensões multifacetadas da educação para a cidadania como meio de acolhimento do Outro, através de caminhos inesperados; iii) compreender o papel desempenhado pelos avós relativamente às relações estabelecidas com os seus netos e como essas viagens partilhadas podem reverberar no percurso de aprendizagem de ambos.

O artigo está organizado em torno de quatro seções. Em primeiro lugar, é realizado um enquadramento teórico que possibilita lançar os alicerces da análise levada a cabo. Em segundo lugar, é apresentada a metodologia que norteia este estudo, sendo indicadas as questões de investigação às quais se procurou dar resposta e os procedimentos realizados para levar tal desígnio a bom porto. A quarta seção – intitulada “**Espaços de movência de afetos entre gerações**” – acolhe a análise do tecido textual e peritextual dos dois livros-álbum selecionados, pondo em destaque a sua especificidade e os modos como neles se plasmam dimensões temáticas que potenciam educar para a cidadania através da literatura para a infância. Na quinta secção são apresentados e discutidos os resultados deste estudo. O artigo conclui enfatizando a fruição da leitura proporcionada pelos livros analisados e destaca os modos como a relação entre avós e netos, que nelas é apresentada e representada, permite a criação de elos de empatia com os leitores, redimensionando a educação para a cidadania, num processo de aprendizagens mútuas permeadas de afeto sem par que se recolhe no olhar e no coração dos leitores.

2. Enquadramento teórico

A literatura para a infância, mormente o livro-álbum contemporâneo, faculta, através de percursos multifacetados, esteios que podem promover uma reflexão atenta sobre o modo como as relações entre gerações podem estar no cerne do contexto educativo. A literatura de especialidade tem destacado a importância da família na literatura infantojuvenil (Ramos & Boo, 2013) e avós e netos têm sido matéria-prima de análise em distintos estudos focados na literatura para a infância e sustentados em diálogos intergeracionais (por exemplo, Silva, 2019; Silva, 2020).

Pelas características de que se reveste, o livro-álbum pode ser lugar privilegiado do acolhimento das relações entre os avós e os netos, por

ofrecer un texto literario que se complementa con un texto icónico, es decir, un texto sujeto a la sintaxis narrativa, que necesariamente es un texto lingüístico y que, en este caso, no así en otras modalidades de álbumes para la niñez, tiene que complementarse

con una sintaxis narrativa de la mano de las ilustraciones (González & Rechou, 2013, p. 266).

Nesse sentido, o tecido peritextual é reconhecido como elemento fundamental que potencia a criação de redes de plurissignificação que favorecem a implicação dos leitores na trama narrativa e a ela se religam de modo sinérgico.

Nos moldes do exposto, considera-se que, atualmente, os livros-álbum, promovendo a fruição da leitura, tendo como poderoso aliado o elevado apuramento estético, podem ter lugar de destaque na tela maior da *Estratégia nacional de educação para a cidadania* (Ministério da Educação, 2017), em articulação com o *Referencial de educação para o desenvolvimento – educação pré-escolar, ensino básico e ensino secundário* (Torres et al., 2016). Adicionalmente, podem facultar vias de implementação da *Educação para a cidadania global* (UNESCO, 2016).

O caráter versátil do conceito de cidadania, consensualmente reconhecido (UNESCO, 2016), implica renovados desafios em contexto educativo, quer no que respeita à formação de professores (Sá-Chaves, 2014), quer no que se refere às práticas educativas em que ativamente participam:

À escola, enquanto ambiente propício à aprendizagem e ao desenvolvimento de competências, onde alunos e alunas adquirem as múltiplas literacias que precisam de mobilizar, exige-se uma reconfiguração, a fim de responder às exigências destes tempos de imprevisibilidade e de mudanças aceleradas (Ministério da Educação, 2017, p. 1).

No *Referencial de educação para o desenvolvimento – educação pré-escolar, ensino básico e ensino secundário* (Torres et al., 2016) é afirmada a relevância da educação para o desenvolvimento como uma dimensão da educação para a cidadania, sendo sublinhado o seu caráter transversal, bem como a necessidade do seu reforço. No âmbito dos seis temas globais que o documento identifica, reveste-se de pertinência, no presente contexto, conferir destaque a dois deles: **Desenvolvimento e Cidadania Global. No caso do primeiro, pela “valorização do papel dos indivíduos e das comunidades nos processos de desenvolvimento, bem como a coerência entre pensamento e ação; a cooperação, a solidariedade e a equidade”** (Torres et al., 2016, p. 11). Relativamente ao segundo, pelo postulado da Cidadania global baseada num compromisso ético selado na corresponsabilidade pela vida das atuais e das futuras gerações e, concomitantemente, implicando a construção e o reconhecimento de pertenças individuais e coletivas, em contextos relacionais diversificados.

Em articulação com o referido, no âmbito da Educação para a cidadania global (ECG) (UNESCO, 2016) é sublinhada a importância da inter-relação de três dimensões conceituais ou áreas de aprendizagem – cognitiva, socioemocional e comportamental – **que definem a ECG enquanto “fator de transformação ao desenvolver conhecimentos, habilidades, valores e atitudes que os alunos precisam para contribuir para um mundo mais inclusivo, justo e pacífico”** (UNESCO, 2016, p. 15).

No recente conjunto de estudos que dedicam à Educação em Português e cidadania global, Sá e Mesquita (2020) lançam luz sobre a sua relevância para

os futuros profissionais da Educação, frisando igualmente a importância de formar cidadãos críticos e interventivos que sejam capazes de dar resposta aos múltiplos desafios que lhes vão sendo colocados ao longo da vida.

A abordagem do papel da literatura para a infância na ECG tem também revelado ser um contributo profícuo para o desvelar da sua multidimensionalidade, potenciando a redescoberta de itinerários de fruição da leitura, pavimentados pela indagação (Melão, 2020) ou através do reencontro do Outro nos livros (Tomé & Bastos, 2011). Nas seções seguintes procura-se dar continuidade a tais caminhos, renovando olhares tendo como tela o texto literário inscrito em contexto educativo.

3. Metodologia

Na sua conceção e desenvolvimento, o presente estudo foi norteadado pelas seguintes questões de investigação:

QI 1 – De que modos as relações intergeracionais representadas nos livros-álbum selecionados podem potenciar a criação de laços de empatia com os leitores?

QI 2 – Qual o contributo dos livros-álbum escolhidos para o redimensionamento da educação para a cidadania enquanto tela de acolhimento do Outro?

QI 3 – Qual o papel assumido pela relação avós/netos nas duas narrativas e como pode ser esteio de aprendizagens mútuas?

De modo a dar cumprimento aos objetivos traçados, procedeu-se à recolha de dados, no tecido peritextual e textual de *A ilha do avô* (Davies, 2017) e *À procura de ontem* (Jay, 2020), que possibilitassem o estabelecimento de inferências sobre as dimensões plasmadas nas questões de investigação apontadas. Optou-se por realizar uma análise dos desdobramentos das temáticas dos livros-álbum alvo de atenção, com articular ênfase nos peritextos (na senda de Genette, 1987) e na narrativa, entendidos como espaços alargados de fruição na leitura. Adicionalmente, procurou-se identificar e caracterizar representações de avós e de netos enquanto possíveis fios condutores de exercícios de educação para a cidadania, nas suas amplas vivências, gerando empatia.

4. Espaços de movência de afetos entre gerações

Nesta seção apresentamos, de modo bipartido, mas em estreita articulação, a análise do tecido textual e peritextual dos dois livros-álbum **selecionados**. Nesta está implícito que “Ler é um ritual que implica gestos, posições, objetos, **espaços, materiais, movimentos, modulações de luz**” (Vallejo, 2020, p. 56). Em tais implicações, os leitores podem reencontrar espaços de movência de afeto entre gerações – complexa demanda aparentada de simplicidade nos livros aqui objeto de análise.

4.1. *A ilha do Avô* – reapresentações da idade do espanto

A ilha do Avô (Davies, 2017) dá a conhecer as aventuras de um neto e de um Avô, através dos preparativos de uma viagem com características peculiares e sua execução. Os itinerários de afetos que constroem são

oferecidos aos leitores entretecidos de afetos – vão, pois, muito além do prometido na contracapa do livro, onde pode ler-se o seguinte: **“A ternurenta aventura de um avô e de um neto, que, mesmo longe um do outro, nunca se hão de separar.”**

O caráter estreito e amplo dos laços que unem Avô e neto é retratado, em primeiro lugar, na capa do livro e no restante aparato peritextual. Na reeducação do olhar, o exercício de cidadania potenciado na primeira adquire maior pujança, dada a opção pela visível centralidade concedida ao Avô e ao neto, rodeados pela exuberância da fauna e da flora da ilha. Unidos pelo olhar – onde se plasmam, ao mesmo tempo, inquirição e contemplação – e por idênticos sorrisos, apenas os parece distinguir a idade (acentuada, no caso do avô, pela barba branca e pela bengala onde se ampara e, numa nota de descontração, pela mescla do colete e da gravata com as calças do pijama que usa). A transição dos espaços que dão palco à narrativa – a casa e a ilha – é feita através da lombada do livro, onde começa a erguer-se a contracapa – abrigo dos telhados de várias casas no meio dos quais, inesperadamente, sobressai um navio com Avô e neto a bordo.

Na dedicatória – **“Para o Avô”** – a opção pela letra manuscrita e a escolha de maiúscula adoçam o recomeço do livro, potenciando a cumplicidade com os leitores. Esta é reforçada na página de rosto que retrata Avô e neto num momento belo de partilha, alicerçada no gesto de ternura do primeiro, com a mão colocada no ombro do segundo, enquanto observam um quadro onde se vislumbra uma ilha. Pequenos apontamentos, como um farol no peitoril da janela, um livro aberto no chão (deixando ver pássaros exóticos), quadros onde papagaios ganham vida e o desenho de uma casa rodeada de vegetação são esteios dos elos de afeto entre Avô e neto. A *mise en abyme* potencia uma reflexão mais apurada do futuro desvelar da narrativa, acentuando tais elos.

Desde o início do livro, a relação avô/neto vai-se nutrindo, fortemente, dos espaços que a acolhem, assumindo um caráter macro: a casa do Avô e a ilha do Avô. Nas designações selecionadas abrigam-se pertença e afetividade. Ao longo da narrativa, os espaços ganham paulatinamente maior ênfase, em movimentos que imbricam a casa na ilha e vice-versa, de modo a que ambas venham a instituir-se como lar. A localização da casa do Avô – **“ao fundo do jardim do Cid, para além do portão e depois da árvore”** (Davies, 2017, s.p.) – e uma chave, sempre à mão, resguardada debaixo do vaso de flores, renovam afetos e nutrem a empatia com os leitores.

A casa recolhe e acolhe a pluralidade do Amor entre duas gerações. Nela se destaca o sótão, lugar que ilumina a curiosidade do neto e que aconchega as recordações de **“coisas que o Avô trouxera de várias partes do mundo”** (Davies, 2017, s.p.). A porta metálica que o sótão desvenda dará acesso ao convés de um grande navio que conduzirá ambos a uma ilha, espaço privilegiado do desvelamento das partilhas entre o Avô e o neto, como por exemplo: i) a construção, em conjunto, de uma cabana que lhes dá abrigo; ii) a descoberta das maravilhas da ilha; iii) as brincadeiras em parceria; iv) os deslumbramentos guardados no sorriso de ambos, através de aventuras que o reescrevem.

O carinho impregnado nas palavras usadas pelo Avô, ao confidenciar ao neto a sua decisão de permanecer na ilha, institui-se como gesto de proximidade com os leitores, possibilitando-lhes compreender que a partida de um ente querido pode vir a ser parte da sua vida. Destaca-se a opção pelo cuidado, plasmado abertamente na ilustração, que ampara a decisão do Avô: a garantia de que não estará sozinho é dada através da pintura do cenário que o rodeia, onde prima a harmonia tecida pela natureza, nos seus permanentes recomeços – e a melodia de um disco a tocar no gramofone é escutada, com atenção, por uma tartaruga e por um orangotango que lê, placidamente, um livro, enquanto dá colo a um gato. O abraço de despedida entre o Avô e o neto, ganhando centralidade na página de fundo branco, agiganta-se aos olhos dos leitores e envolve-os num manto de paz.

O vazio retratado no regresso do Cid à casa do Avô – destacando-se, de novo, o sótão, mas, desta vez, enquanto espelho da inexorável partida, alicerçada nos móveis cobertos por lençóis e na ausência de objetos de uso quotidiano – pesa e reflete, de novo, o Amor que os une. O caráter indelevelmente perene desse Amor é reforçado através da fotografia guardada numa carta que Cid encontra no parapeito da janela do sótão: Nela, o neto lê e revive o sorriso do Avô, do orangotango e da tartaruga, respirando afetos e luz. Também os leitores tomam em suas mãos essa fotografia e, atentando nela, compreendem e vivenciam inesperada ternura, ainda que toldada pela tristeza da partida.

No entender do autor do livro, a carta “**enviada**” reveste-se de especial relevo, pelas suas possíveis repercussões no germinar da esperança de quem lê esta narrativa, numa partilha onde ecoam memórias pessoais do autor:

One of the things I think it does is to create hope for the reader. There is a comfort that maybe, somehow, this line **of communication is still present, even if it's in the imagination or stored in the memory**. Even though Grandad has gone, Syd has all these **memories and happiness to look back upon, just by looking at his grandad's paintings** and remembering what they shared together, much as I have with my grandad (Davies, s.d., s.p.).

A aventura vivida pelo Avô e pelo neto reapresenta o entrelaçamento de gerações que se reconhecem enquanto cúmplices renovados dos saberes partilhados nos recomeços dos sorrisos e na ternura dos abraços. Como **relembra Gabriel García Márquez: “A vida não é a que cada um viveu, mas a que recorda e como a recorda para contá-la” (Márquez, 2017, s.p.)**. Nesse sentido, todas as memórias reconstruídas pelo Avô e pelo neto sobrevivem, de modo perene, cada vez que os leitores nelas se releem e se reveem, em processos de redimensionamentos dos afetos que possam vir a germinar em cada um.

Avô e neto (apesar da aparente vulnerabilidade do primeiro) partilham a idade do espanto, do enamoramento pela curiosidade e pelo belo que, ao longo da narrativa, se plasmam nos gestos de cada um – gestos de generosidade que envolvem quem lê, com demora e alegria, potenciando o desenvolvimento da empatia e o seu crescimento em comum. Para tal contribuem, de modo sereno e aberto, as ilustrações que profusamente chamam os leitores a participar na narrativa, unindo-se às aventuras do Avô e do neto e tomando embalo no seu

Amor. A generosidade da atenção ao detalhe transforma-se, pois, em cada leitura, em exercício plural de cidadania.

4.2. *À procura de ontem – reinvenções do sonho partilhadas entre gerações*

À *procura de ontem* (Jay, 2020) permite que os leitores acolham mundos da imaginação introduzidos pelo olhar inaugural de um menino cuja missão é **“regressar ao melhor dia de sempre”: ontem. Para tal impossível missão conta** – desde cedo e desde sempre – com o auxílio inestimável do seu avô. Recomendado pelo Plano Nacional de Leitura (PNL) para a faixa etária entre os nove e os onze anos, este livro transgride os limites da imaginação, oferecendo aos leitores um universo onírico que celebra a criatividade imbricada nos atos de sonhar livremente e de brincar (sem quaisquer constrangimentos de tempo).

À semelhança do livro-álbum anteriormente alvo de atenção (Davies, 2017), a cumplicidade entre gerações é plasmada, abertamente, desde o início deste livro, transformado em lugar de profundo afeto. Como refere Maria Gabriela Llansol (2003, p. 1), **“O começo de um livro é precioso. Muitos começos são preciosíssimos.”** Na capa, avô e neto assumem-se como companheiros de aventuras, surgindo **“sentados”** num álbum de fotografias que desliza no céu, entre as nuvens. Adicionalmente, o cenário desenhado em Terra espelha a partilha de brincadeiras entre ambos: ora o avô desce a encosta de mota, ora se desloca, a galope num porco, lado a lado com o neto (a galope numa galinha). No microcosmos pincelado na capa moram, igualmente, em harmonia, um dinossauro, gelados, morangos e chupa-chupas, plantados entre montes e vales. Da liberdade da imaginação se veste, pois, desde o início, o Amor partilhado entre o avô e o neto, plasmado em muitos começos.

A profunda ligação entre as duas gerações é selada na contracapa do livro, onde a família assume particular destaque. De um álbum de fotografias, soltam-se memórias de momentos revividos: i) o avô a ensinar o neto a andar de bicicleta; ii) o menino de férias com os pais; iii) o avô com o neto bebé nos braços. As fotografias são, aqui, lugares que potenciam o crescimento da empatia, eivada de ternura.

A delícia do detalhe que espera os leitores nas guardas iniciais deste livro amplia fortemente o abraço que une avô e neto – e, por consequência, estende-se aos leitores que o podem vivenciar. Reproduzindo o caderno do menino – concretamente, os seus desenhos – nela se destacam, por exemplo: i) o desenho do avô, sorrindo; ii) um relógio com asas e patas de passarinho – acenando à passagem do tempo, tal como uma ampulheta que dança na página; iii) estrelas; iv) um dinossauro. A cores, ganhando um brilho especial na página, em lados opostos, um búzio e um rebuçado – apelo à escrita doce da narrativa e dos seus sussurros, como que convidando os leitores a que se demorem na epígrafe da **página seguinte: “Felicidade, não noutra lugar, mas neste lugar...não noutra hora, mas nesta hora” (Walt Whitman).**

A narrativa desenrola-se, primordialmente, em duas sequências que se **complementam: a que destaca o “melhor dia de sempre” vivido pelo menino** – ontem; a que enfatiza o pedido de auxílio ao avô para levar a cabo com sucesso tal demanda e as explicações que este lhe faculta sobre os seus melhores dias.

Numa primeira instância, importa destacar o papel de relevo que o avô teve no dia preferido do neto, envolvendo: i) as corridas de ambos pela encosta; ii) o seu divertimento num carrossel; iii) a partilha de uma refeição à volta da fogueira; iv) o passeio num rio a bordo de um cisne. Posteriormente – face às múltiplas indagações e à demanda individual de soluções para regressar a **“ontem”** – inicia-se um processo de aprendizagem intensa com o avô, através do elencar dos melhores dias deste. Múltiplas fotografias rodopiam na página, transbordando vidas e redesenhando memórias que contribuem para a caracterização do avô: o passeio num balão de ar quente; a escalada de uma montanha e o mergulho no fundo do mar. Com o avô, o menino aprende, **finalmente, que “cada dia traz a possibilidade de uma nova aventura” e que o mais importante é ser feliz, no presente.**

A cumplicidade entre o avô e o neto é vincada, de modo redobrado, na dupla página final do livro, com o auxílio de uma ampla e bela ilustração, plena em afetos e em doçura. Um motociclista, o outro pendura, ambos partem alegremente em direção à praia, enquadrados num cenário onírico e idílico onde há espaço para um gelado crescer no cimo de um monte, para um caranguejo levar a cabo o seu passeio e para algumas ovelhas – quais bolas de algodão – pastarem com demora.

Na página que fecha a narrativa, avô e neto, já na praia, surgem unidos por um abraço cujo caloroso afeto os leitores também sentem. E da memória criada e partilhada através do livro, poderão germinar outras, igualmente saborosas, que multipliquem o carinho entre gerações e subtraíam desalentos, de modo a dotar de fortes alicerces a empatia desvelada nos desdobramentos do Amor que a relação entre o avô e o neto tão bem personifica.

5. Resultados e discussão

As aprendizagens significativas através das aventuras com os avós têm sido apontadas na literatura de especialidade com um dos aspetos que se destaca na relação avós/netos (Bazzocchi, 2013) e, em concreto, na relação do avô com os netos (Míguez, 2013; Silva, 2019; Silva, 2020). Tal sucede, também nos dois livros-álbum aqui analisados, embora com distintas nuances, face à trama narrativa posta em palco. Trata-se, em ambos os casos, da aprendizagem **de uma “relação de cuidado”** (Sá-Chaves, 2014, p. 282) relevante no âmbito de **um perfil de cidadania que implica a centralidade de “aprender a ser”** (Sá-Chaves, 2014, p. 15).

A cumplicidade implícita e explícita entre o avô e o neto assume, também, contornos de extrema relevância no âmbito de tal aprendizagem, sendo um aspeto vincado nos dois livros. Quer se trate das múltiplas viagens que a descoberta de uma ilha, em percursos de ternura e de saudade, pode abrigar (Davies, 2017) ou dos recomeços implícitos **na procura de “ontem”** (Jays, 2020), os companheiros de aventuras alimentam-se dos afetos múltiplos de que tal cumplicidade se reconstrói.

Importa, também, destacar que nos dois livros, os avós são retratados como cidadãos do mundo, revelando-se nos distintos modos como o abraçaram:

em *A ilha do Avô* (Davies, 2017) tal retrato é traçado através de diversos objetos que, no sótão de sua casa, resguardam memórias de várias partes do mundo que percorreu; em *À procura de ontem* (Jays, 2020), semelhante característica surge plasmada na descrição que o avô faz ao neto das atividades que desenvolveu ao longo da vida. **Tal favorece que os leitores possam “Compreender a humanidade como parte do planeta e do universo” (Torres et al., 2016, p. 30), experimentando “um sentimento de pertencer a uma humanidade comum” (UNESCO, 2016, p. 22).**

A ausência das avós, muito vincada pelo protagonismo dado à relação avô/neto, mostra-se nos dois livros, podendo dar azo a processos de indagação por parte dos leitores. Por ter implícita uma perda anterior ao momento da narração, possibilita rever o caráter fundador do avô e da avó na consolidação do Amor dos/pelos netos e acrescenta alento ao modo como cada um pode ser fundamental para o seu crescimento mútuo.

Para além dos aspetos que têm em comum, importa destacar a singularidade pela qual se pauta cada um dos livros, pelas suas possíveis repercussões na formação dos leitores enquanto cidadãos atentos aos mundos que partilham, bem como pelas responsabilidades que daí advêm.

Em *A ilha do Avô* (Davies, 2017) é estabelecida, desde o início, uma relação harmoniosa entre a pintura, a música e a natureza, numa partilha comum entre o Avô e o neto. Para além da dimensão de cuidado que lhe está inerente – e, por consequência, do incremento da **tomada de consciência “da necessidade de cuidar e de preservar a vida humana e a restante natureza” (Torres et al., 2016, p. 30)** – esta relação abre caminho a que os leitores compreendam a noção de bem-estar enquanto requisito de promoção da construção da cidadania global. **Contribui, ainda, para que possam desenvolver “atitudes de empatia pelos outros e pelo meio ambiente, além de respeito pela diversidade” (UNESCO, 2016, p. 16).**

A relação Avô/neto, plena em ternura, ao permitir que os leitores nela se espelhem e dela retirem ilações sobre as suas pertenças e o modo como se **manifestam no quotidiano, contribui ainda para que aprendam “sobre a sua identidade e como (...) se situam em seus vários relacionamentos” (UNESCO, 2016, p. 23).**

Destaca-se ainda, neste livro, a recorrência de diferentes modos de assumir o Amor implícito na relação Avô/neto enquanto modo de reverberação no mundo que os rodeia, em plena assunção da sua beleza. O repetido aparecimento de telas em branco e do ato de pintar (realizado, sempre, em partilha com o neto) possibilita aos leitores não só apreciar como dialogar com o belo, de modo inusitado, e pode contribuir para a sua formação ética e cívica. Este é um dos aspetos singulares do livro que, gerando inesperada empatia, o configura como matéria ativadora da competência reflexiva que corrobora o perfil de cidadania de cada um.

Em *À procura de ontem* (Jays, 2020), a relação Avô/neto reconstrói-se pela via da imaginação e do sonho que a alimentam e a consolidam. Tal via surge disseminada em itinerários do brincar nos quais ambos têm uma participação muito ativa, ampliando tempos e espaços de fruição aos leitores – ensinando-

os, porventura, que o tempo da afeição é perene, independentemente do cotidiano vivido, desde que para tal haja dedicação.

O tecido onírico que conquista as ilustrações do livro, a par e passo permeadas pelas possibilidades abertas através do olhar do menino, é temperado pelas memórias do passado do avô que, invadindo o presente, nele ganham aconchego. Nesses sentidos, as relações intergeracionais adquirem **fôlego redobrado, quando** “vivemos um presente em que há mundos que estão por acabar e outros que ainda não terminam de nascer. Cruzamentos que fazem confluir diferenças, tensões, que, por sua vez, trazem fecundos convites-desafios para pensar as dinâmicas sociais contemporâneas” (Bonfim, 2020, p. 114). A escuta do sonho e das memórias possibilita, também, que os leitores se repensem no seu papel de cidadãos com voz, reposicionando-se na ação de escutar o Outro.

Ao permear de particular doçura as indagações do presente (plasmadas na busca de ontem do menino), a união do texto à ilustração contribui, de modo muito singular, para incutir à inscrição da dúvida no cotidiano um caráter reflexivo que se institui como intenso apelo à participação ativa nos desafios já referidos.

6. Conclusões

As relações intergeracionais representadas nos livros selecionados potenciam a criação de laços de empatia com os leitores, de diversos modos: pelo cariz de inusitado Amor que as percorre; pelos redimensionamentos de tal Amor nos itinerários percorridos pelos avós e pelos netos; pelas cumplicidades de que se nutrem; pelos gestos de liberdade e de sonho que nelas se replicam. No desvelar tais sentidos, os dois livros analisados contribuem para o redimensionamento da educação para a cidadania enquanto tela de acolhimento do Outro, possibilitando aos leitores a compreensão e a vivência de dimensões da cidadania enquanto compromisso ético da humanidade.

O papel assumido pela relação avós/netos nas duas narrativas é de enorme relevância, revestindo um caráter fundamental como esteio de aprendizagens mútuas. Nestas sobressaem a aprendizagem do cuidar e do acarinhar como itinerário fundamental do crescimento de cada um, apontando, sempre, para o plasmar do exercício da caminhada maior – a dos avós – no percurso do neto que nela se vê engrandecido. A relação entre o avô e o neto promove, pois, múltiplas possibilidades do germinar da empatia, promovendo a sua vivência, através da união entre as narrativas e a ilustração.

Em suma, a fruição na leitura proporcionada pelos livros-álbum analisados plasma-se nos mo(vi)mentos de liberdade concedidos aos leitores, através das demoras na imaginação que ambos lhes oferecem. Essa é, porventura, uma das suas mais amplas dimensões de acolhimento da cidadania, em plena renovação.

Referências

- Bazzocchi, G. (2013). Los ancianos, maestros de vida: La estrecha relación que se establece entre niños y abuelos en la literatura infantil. In A. M. Ramos & C. F. Boo (Eds.), *La familia en la literatura infantil y juvenil/ A família na literatura infantil e juvenil* (pp. 59-76). Vigo/Braga: ANILIJ/ELOS/CIEC.
- Bonfim, C. (2020). A quantas anda nossa escuta? (possíveis trilhas sonoras para sentipensar-nos). In M. Oliveira, A. Sá, & P. Portela (Eds.), *Escutar. Sentir. Guardar: Atas do I Encontro Online Audire* (pp. 113-122). Braga: CECS.
- Davies, B. (2017). *A ilha do avô*. Lisboa: Orfeu Negro.
- Davies, B. (s.d.). Benji Davies. *Picturebook makers*. Consultado a 1/1/2021 em <https://blog.picturebookmakers.com/post/123446450231/benji-davies>
- Genette, G. (1987). *Seuils*. Paris: Éditions du Seuil.
- González, I. M., & Rechou, B. A. R. (2013). Los abuelos de Chema Heras. In A. M. Ramos & C. F. Boo (Eds.), *La familia en la literatura infantil y juvenil/ A família na literatura infantil e juvenil* (pp. 265-274). Vigo/Braga: ANILIJ/ELOS/CIEC.
- Jay, A. (2020). *À procura de ontem*. Amadora: Fábula Editora.
- Llansol, M. G. (2003). *O começo de um livro é precioso*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Llosa, M. V. (2010). Elogio à leitura e à literatura: Mario Vargas Llosa. Consultado a 1/1/2021 em <https://www.gilbertogodoy.com.br/ler-post/elogio-a-leitura-e-a-literatura---mario-vargas-llosa>
- Márquez, G. G. (2017). *Viver para contá-la* (2.^a ed.). Alfragide: Publicações D. Quixote.
- Melão, D. (2020). O papel da literatura para a infância na educação para a cidadania global. In I. A. Díaz, M. P. C. Reche, J. A. M. Marín, & A. J. M. Guerrero (Eds.) *Desafíos de investigación educativa durante la pandemia COVID 19* (pp. 260-269). Madrid: Editorial Dykinson.
- Míguez, I. (2013). La figura de los abuelos en la narrativa infantil de Fina Casalderrey. In A. M. Ramos & C. F. Boo (Eds.), *La familia en la literatura infantil y juvenil/ A família na literatura infantil e juvenil* (pp. 234-246). Vigo/Braga: ANILIJ/ELOS/CIEC.
- Ministério da Educação (2017). *Estratégia nacional de educação para a cidadania*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Pessoa, F. (2018). *Sobre a arte literária*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Ramos, A. M., & Boo, C. F. (2013) (Eds.). *La familia en la literatura infantil y juvenil/ A família na literatura infantil e juvenil*. Vigo/Braga: ANILIJ/ELOS/CIEC.
- Sá-Chaves, I. (2014). Nota de apresentação. In I. Sá-Chaves (Coord.), *Educar, investigar e formar. Novos saberes* (pp. 13-26). Aveiro: UA Editora.
- Sá, C. M. & Mesquita, L. (Orgs.). (2020). *Educação em português e cidadania global*. Aveiro: UA Editora.
- Silva, J. A. S. (2020). O meu avô: representações do idoso e das relações intergeracionais nos livros-álbum de Manuela Bacelar e Catarina Sobral. *Elos: Revista de Literatura Infantil e Juvenil*, 7, 37-57.
- Silva, S. R. da (2019). O meu Avô, de Manuela Bacelar e O meu avô, de Catarina Sobral: dois álbuns para a infância, dois álbuns para todos. In A. C. Macedo, E. Oliveira, M. N. Rodríguez, S. R. D. R. da Silva, *Literatura para crianças e educação literária: Diálogos intergeracionais* (pp. 73-83). Porto: Tropelias & Companhia.
- Tomé, M. C., & Bastos, G. (2011). Encontrar o outro nos livros: A literatura juvenil ao serviço da construção de uma cidadania global. In S. Gonçalves & F. Sousa (Orgs.), *Escola e comunidade: Laboratórios de cidadania global* (pp. 85-94). Lisboa: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa.

Torres, A., Figueiredo, I. L., Cardoso, J., Pereira, L. T., Neves, M. J., & Silva, R. (2016). *Referencial de educação para o desenvolvimento: Educação pré-escolar, ensino básico e ensino secundário*. Lisboa: Ministério da Educação.

UNESCO (2016). *Educação para a cidadania global: Tópicos e objetivos de aprendizagem*. Brasília: UNESCO.

Vallejo, I. (2020). *O infinito num junco*. Lisboa: Bertrand Editora.